

RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM OLHAR SOBRE UMA CRIANÇA COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM.

Maria Aparecida F. Menezes Suassuna – Professora do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – cidafms@gmail.com

Maria Mabel Nunes de Moraes – Aluna graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Santa Maria – mabelmoraes_psi@outlook.com

RESUMO

O presente trabalho é uma conclusão de estágio proposto pela disciplina Estágio Básico IV - Processos Educacionais. Esta disciplina propôs ao aluno do 5º período de Psicologia um estágio em uma escola de unidade pública. A escola escolhida para a prática do estágio está localizada na cidade de Cajazeiras, PB. A turma a qual a aluna desenvolveu o estágio foi o 5º ano do Ensino Fundamental I, no turno vespertino. O objetivo principal do estágio está ligado aos conhecimentos específicos da prática do psicólogo na escola, através da observação em sala de aula. O estágio procedeu-se em oito visitas. Durante as observações foi feito o diagnóstico institucional, analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, os serviços oferecidos, o espaço da escola de forma geral e também da sala de aula, assim como uma entrevista com a professora da turma. Ainda como objetivo do estágio, através do processo de observação, uma aluna foi escolhida com a finalidade de aprofundamento teórico diante de alguma dificuldade apresentada no processo de aprendizagem. Perante este objetivo, foi identificado, sob a análise da estagiária, uma aluna que mostrava-se com dificuldades na aprendizagem marcado por um pequeno distúrbio na fala.

Palavras-Chave: Estágio – Inclusão - Dificuldade de Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A disciplina de estagio básico IV – processos educacionais propôs ao aluno do 5º período de Psicologia um estágio em uma escola da rede pública, a qual foi escolhida pela própria aluna estagiária. O objetivo principal do estágio está ligado aos conhecimentos específicos da prática do psicólogo na escola, no entanto, apenas com observação em sala de aula, visto que o aluna encontra-se em graduação e não pode fazer intervenções frente aos problemas apresentados pela instituição. A escola escolhida foi de Ensino Fundamental I.

Apesar do ritual na sala de aula ser muitas vezes repetitivos, é importante perceber principalmente a relação professor-aluno e aluno-aluno. É ideal observar como os alunos se comportam entre si e como eles interagem com a professora, pois esses aspectos são primordiais para se perceber as relações pedagógicas e interpessoais, como também as estratégias de ensino.

DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL

A escola é localizada na Rua Júlio Marques do Nascimento, no bairro Jardim Oásis na cidade de Cajazeiras, PB. A sua Unidade mantedora é a Secretaria do Estado da Educação. O grau de ensino é Fundamental I (1º ao 5º ano) e o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O espaço da escola não é muito grande, porém bastante organizado. Observa-se um espaço arborizado onde as crianças podem brincar no intervalo. Quanto à estrutura física da escola, foi possível observar que a mesma tem uma sala para os professores, coordenadores e gestor; sala de informática na qual, segundo a gestora, funcionam aulas de informática para as turmas uma vez na semana. Compõe também a parte física da escola uma sala para Atendimento Educacional Especializado (AEE). Essa sala é frequentada por crianças com dificuldades de Aprendizagem, Déficit Intelectuais e deficiência motora, onde os alunos são acompanhados por duas professoras, uma para as que apresentam dificuldades de Aprendizagem e a outra para as que apresentam deficiências intelectuais e motoras já diagnosticadas por profissionais de saúde especializados. É importante ressaltar que a escola não contém psicólogo, quando se necessita de tal profissional a demanda é encaminhada para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade.¹

Ao passar pela porta de entrada para a sala dos professores, há um pequeno corredor que dar acesso ao ambiente de alimentação e recreação e salas de aulas, na qual observa-se algumas mesas grandes com banquinhos para os alunos lancharem, banheiro para crianças com deficiência, bebedouro e uma cozinha/cantina. Nas laterais da escola há também espaço para recreação das crianças. Ao subir uma pequena escada tem-se acesso a quatro salas de aula, onde todas funcionam no horário da tarde, nelas temos acesso às turmas de 2º, 3º, 4º e 5º anos.

Através do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição foram feitas algumas observações importantes, na qual serão descritas abaixo.

¹ Essas informações sobre a sala de AEE foram coletadas com a professora da turma que observei.

O objetivo principal da instituição é cumprir sua função educativa dando respostas às necessidades da comunidade na qual está inserida. A escola possui alunos com média de seis a onze anos de idade, sendo 190 matriculados. O perfil socioeconômico da comunidade é bem diversificado, onde boa parte dos alunos encontra-se situados na zona rural, algumas famílias recebem o salário mínimo e demais dependem de programas como Bolsa Família e ajuda na aquisição de materiais e transportes escolares.

Apesar de possuir apenas cinco alunos “portadores” de necessidades especiais, a escola apresenta uma estrutura física adequada, como banheiros adequados e a sala de AEE.

A proposta pedagógica da escola configura-se numa ação conjunta dos educadores que a compõe em conformidade com seu Regulamento Interno baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96.

A proposta da escola é desenvolver uma forma de trabalho que valorize o educando e, acima de tudo, possibilite a melhoria do ensino e novas aprendizagens. Na perspectiva do ensino democrático, espera-se a realização de um trabalho coletivo onde todos os que participam da escola possam atuar de forma efetiva visando a melhoria da Educação de modo que sejam formados leitores críticos e reflexivos, cidadãos conscientes de seus deveres, capazes de lidar com as mudanças que vem ocorrendo no mundo através de relações que possam estabelecer com o seu meio físico e social, buscando resolver problemas no seu cotidiano.

Ao analisar o PPP da instituição é notável que a escola tem uma proposta pedagógica interessante e bem estruturada. Visto que o PPP deve ser estruturado comportando três grandes elementos: marco referencial, diagnóstico e programação. A escola o fez de forma correta, respondendo pontos como: Qual o objetivo da instituição? Qual é a comunidade que a escola abrange? Como os alunos serão trabalhados para ter um bom desenvolvimento no ensino-aprendizagem? Além de abordar o histórico da escola, a situação física e os recursos humanos e materiais que a escola possui.

No decorrer da observação foi percebido que a instituição possui a estrutura física para acesso e inclusão de alunos com deficiência e também sala com professores adequados para isso. No entanto, não pôde ser observado como é feito esse trabalho dentro da instituição, visto que a sala que foi observada não tinha nenhum aluno com deficiência que precisasse utilizar esse serviço, apesar de ter alunos com dificuldades de aprendizagem, mas não frequentavam a sala de AEE.

OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA

Espaço físico e organização

A sala observada foi a do 5º ano, contém 21 alunos a maioria entre nove e onze anos, no entanto, há dois alunos com doze anos e um com treze. Tal afirmação constitui uma distorção idade/série, pois “quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais” é considerada uma situação de distorção idade-série (MOREIRA). Visto que os atrasos escolares em uma grande parcela vêm das repetências nas séries, ressalta-se que no 5º (atual série dos alunos) não se pode reprovar. Tal prática é subsidiada pela V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) e se dar para que se diminua a taxa de distorção idade-série nas escolas públicas.

Durante a explicação do conteúdo a professora costuma se posicionar de pé na frente dos alunos, e às vezes anda pela sala enquanto explica. No entanto, ao passar alguma tarefa para ser feita por eles, ela fica apenas sentada em sua cadeira esperando que eles concluam, algumas vezes ela sai e os deixa fazendo a tarefa sem sua supervisão. Quando ela volta os alunos em sua maioria estão cheios de dúvidas e vão até sua mesa para pedir ajuda, ela sempre tira as dúvidas dos alunos, e se a dúvida for a mesma para muitos ela explica alto para que todos possam saber.

O material didático utilizado pela professora é sempre os livros didáticos enviados pelo governo, a qual todos os alunos têm acesso. No entanto, podemos destacar a fala da professora na qual relata que os materiais utilizados são “*Os livros didáticos, filmes e jogos educativos. Às vezes levamos os alunos para a sala do AEE, lá tem vários jogos educativos*”. Pode-se notar que ela não utiliza na prática os recursos que cita na entrevista.

Segundo Rangel (2005, p. 8) “a diversificação metodológica praticada na dinâmica das aulas alarga suas perspectivas, seu ritmo, suas motivações (o motivo para as ações) e seus encaminhamentos da aprendizagem.” Ainda afirma que atividades dinamizadas são valores expressivos da competência de um docente.

É importante relatar que a professora informou que está com essa mesma turma desde o ano passado e que costumava trazer aulas expositivas uma vez na semana, como filmes ou jogos que facilitassem o aprendizado. No entanto, essa prática deixou de ser efetuada nesse ano, porque os alunos não colaboravam, uns prestavam atenção e outros apenas conversavam e bagunçavam a aula. Então ela afirma que prefere trazer apenas o conteúdo da maneira que é passada no livro, pois dessa forma consegue controlar os alunos.

Processo ensino-aprendizagem

Tratando-se do processo ensino-aprendizagem foi possível observar que os conteúdos passados para os alunos são adaptados pela professora à realidade da cidade, levando em consideração que os livros didáticos utilizados enviados pelo governo já vêm adaptados à realidade do Estado da Paraíba. E ao final de cada conteúdo a professora passa um exercício para que as crianças possam fixar melhor o assunto, visto que nos livros didáticos de português e matemática já vêm exercícios prontos. No entanto, segundo relato da professora no momento da entrevista, se tratando das disciplinas de geografia, história e ciências na maioria das vezes os exercícios de fixação são elaborados por ela mesma, pois poucas vezes se encontram exercícios nos livros dessas respectivas disciplinas.

Ressalta-se também que a professora tenta instigar os alunos fazendo perguntas sobre o conteúdo que eles já estudaram para dar continuidade ao conteúdo novo, a maioria dos alunos participam e respondem ao que a professora pergunta. No entanto, há alguns que não gostam de participar da aula nesse sentido, apenas observam e respondem a tarefa que a professora passa. No momento de corrigir os exercícios ela sempre utiliza esse mesmo método, ela faz a pergunta e deixa os alunos se pronunciarem com a resposta, pode-se considerar um ponto positivo para o aprendizado dos alunos.

Destaca-se que durante os oito dias de observação, a professora passou apenas uma atividade em grupo, na qual eles teriam que criar um poema. Houve uma grande dificuldade na realização dessa tarefa, apesar de ter sido feita em dupla. Dessa forma, nota-se que a professora não utiliza muito do recurso de grupos para realizações de tarefas, como também para avaliação.

Para Rangel (2005), atividades em grupo visa garantir aos alunos de forma coletiva uma base comum de conhecimentos, além de enfatizar discussões e trocas de ideias. Uma prática de atividade grupal são as leituras em sala de aula, e tal prática foi aplicada uma vez pela professora em sala.

Ainda pode-se observar que a professora não incentiva os alunos a pesquisar o conteúdo fora do livro didático, deixando-se assim subsidiados apenas por aqueles assuntos restritos que contém em seus livros. Salientando que a escola não tem uma biblioteca para incentivar e dar suporte aos alunos à pesquisa.

Foi possível observar também que a professora passa no máximo três atividades por dia. Esse ponto torna-se positivo no sentido de que todos têm tempo suficiente para respondê-las, no entanto, torna-se negativo quando nos tratamos de uma turma de 5º ano e que no

próximo ano letivo estarão passando para o fundamental II, na qual não terão todo esse tempo para responder aos exercícios.

Na entrevista a professora ressaltou que os alunos são avaliados “*Através de duas provas que são elaboradas por mim e uma que vêm do governo no final de cada bimestre que abrange todos os assuntos do fluxo*”. Nesse ponto percebe-se um método de avaliação da abordagem tradicional de ensino, na qual, propõe-se a reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula com clareza e exatidão (MIZUKAMI, 1986).

Dinâmica da sala

Nesse tópico podemos destacar que há uma comunicação amigável entre a professora e os alunos instigando-os a dar opiniões e tirarem dúvidas. E a professora costuma falar em linguagem clara para que todos possam entender. No entanto, pode-se considerar um ponto negativo a falta de incentivo da professora com relação a discutir e negociar algumas decisões, como organizações de normas e regras, escolha das atividades, cumprimento de acordos. Esses são apenas impostos e não negociados.

Relação Professor-Aluno

Na maioria das vezes a professora se impõe aos alunos de forma firme e falando alto. No entanto, nem sempre que os alunos tiram dúvidas ela olha para eles. Ela não costuma dar a atenção necessária a cada aluno, muitas vezes acha que eles não estão conseguindo fazer a tarefa porque não prestaram atenção em sua explicação. Além de não solicitar a participação dos alunos no planejamento e na escolha de algumas atividades, nem sempre possibilita a estes uma discussão efetiva do conteúdo a qual eles possam debater e construir uma aprendizagem efetiva. Apenas faz alguns questionamentos aos alunos sobre o assunto trabalhado, o que possibilita a opinião destes nas aulas.

Vale ressaltar que a professora tenta sempre dialogar com relação à promoção de respeito dos alunos em sala com relação às diferenças sociais, culturais, de sexo, entre outros. Este incentivo traz uma pequena harmonia para a turma, no entanto ainda há um grande número de falta de respeito entre eles, muitas vezes apelidando ou batendo nos colegas, apesar da professora tentar combater esses preconceitos. A professora trata todos os alunos da mesma forma não os deixando com medo de participar das aulas, no entanto, existem aqueles que realmente são muito tímidos e não participam com tanto entusiasmo, apenas recebem o conteúdo.

Um olhar sobre uma criança com dificuldade de aprendizagem

A aluna que foi escolhida para observar sempre sentava na última carteira, não costumava participar das aulas. Nem respondia a tarefa em sala nem as trazia feitas de casa. Não participava da aula quando a professora estava explicando e abria espaços para questionamentos, como também não lia em voz alta quando a professora solicitava. No entanto, para questões outras era uma criança muito ativa, conversava bastante com alguns colegas.

Notou-se que A. (será utilizada a letra A para designar a criança escolhida para a observação) em alguns momentos mostrava-se agressiva, se alguém dissesse uma pequena coisa com ela, levantava-se e dizia que “ia matar” tal colega. Na maioria das vezes estes levavam na brincadeira e todos começavam a rir.

Na entrevista com a mãe, foi coletados alguns dados com relação a essa questão, como por exemplo, quando ela briga com outra criança “*ela diz que quer matar. Fica com muita raiva. Mas ela antes não era assim, ela está assim agora.*” Nota-se que a mãe também percebe esses momentos agressivos da criança. Ao falar que “ela está assim agora”, a mãe relata que a criança não se comportava de tal maneira, no entanto, ela passou a se comportar assim depois que os seus colegas de sala a passaram a apelidar-lhe com alguns nomes que ela não gosta, algumas vezes chegava até a chorar.

É notável que a criança não gosta de falar e participar das aulas quando a atenção se volta totalmente para ela, como quando a professora a pede para ler uma parte do texto. Ao observá-la mais de perto, nota-se que a mesma tem uma pequena dificuldade na pronúncia de algumas palavras e ao entrevistar a mãe tal observação foi confirmada.

Na entrevista a mãe relata que “*ela tem dificuldade de pronunciar algumas palavras, troca algumas sílabas, como CASA por TASA. Nunca fez tratamento para isso*”. E tal dificuldade é motivo de chacota para os seus colegas de classe, por isso não gosta de falar quando todos estão prestando atenção.

De acordo com Smith (2001),

De longe, o maior número de estudantes identificados com problemas de aprendizagem são aqueles com problemas de processamento da linguagem. Essas crianças podem ter problemas com qualquer aspecto da linguagem: ouvir as palavras corretamente, entender seu significado, recordar materiais verbais e comunicar-se claramente. As dificuldades dessas crianças começam com a palavra falada e

tipicamente interferem na leitura e/ou na escrita quando a criança ingressa na escola. (SMITH, 2001, p.35)

Foi possível observar que a dificuldade de aprendizagem apresentada por A., também conhecido como distúrbio de aprendizagem, interferia em seu processo de aprendizagem, como também em sua socialização, e, como consequência, um comportamento de esquiva diante de algumas situações. Com isso, fatos isolados de exclusão diante da rotina escolar.

Seguindo a concepção da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva, ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas (BRASIL, 2008).

Diante desta ótica, e, pensando a educação inclusiva como uma política pública que proporciona acesso e permanência para todas as crianças, jovens e adultos que apresentam deficiências, distúrbios e/ou transtornos, refletimos sobre a necessidade de acolhimento e um acompanhamento sistemático de ordem multidisciplinar, para prestar apoio a casos como este da aluna A.

O olhar emitido sobre A. através do processo de observação sistemática evidenciou uma criança que irá completar doze anos no mês de junho e que, de acordo com sua maturação biológica, a dificuldade apresentada através das pronúncias de palavras à deixa isolada e insegura diante da rotina escolar.

Foi possível perceber que esse distúrbio na fala causa uma dificuldade na sua aprendizagem, pois segundo a mãe a aluna começa a ler algo em casa, mas quando não consegue pronunciar a palavra correta ela se chateia e para de estudar. Decorrente da observação diária, da entrevista com a professora, da entrevista com a mãe e diante da pesquisa teórica, percebe-se que a aluna apresenta um distúrbio conhecido como dislalia.

A Dislalia refere-se a um “distúrbio de fala relacionado às alterações miofuncionais orais” (SOUZA, p. 94). Assim, quando se fala em miofuncionais orais “considera-se que a articulação depende da posição e movimentação da língua, da presença e posição dos dentes, da movimentação dos lábios e da bochecha” (MARCHESAN,1993. Citado em SOUZA, p. 94). Nota-se que essa dificuldade de pronúncia que A. possui pode ser causada por uma

alteração dentária ou de base óssea. A Dislalia caracteriza-se pela dificuldade em articular as palavras, provocando a omissão ou troca de letras (MENEZES, SOUZA E SILVA, 2013).

É importante ressaltar que a provável hipótese diagnóstica deve-se as informações coletadas e ao processo de observação, sendo ainda necessária uma avaliação fonoaudiológica para fechar o diagnóstico. Mas, vale salientar, que ao perceber esse pequeno distúrbio na fala da criança a professora deve orientar a mãe para levá-la ao profissional adequando para que seja feito o diagnóstico, pois tal problema pode atrapalhar no seu processo de socialização, como também em sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estágio foi alcançado levando em consideração que as oito visitas foram feitas, e, através da observação, entrevista com a professora e com a responsável pela aluna, identificou uma dificuldade de aprendizagem que aponta uma reflexão sobre o processo de inclusão educacional nas escolas públicas. Para tanto, comunga-se com Mantoan (2000) quando afirma, que a inclusão deve ser entendida como consequência de um ensino de qualidade para todos os alunos e com isso provoca e exige da escola brasileira novos posicionamentos, gerando um motivo a mais para que o ensino se modernize e para que os professores aperfeiçoem as suas práticas. É uma inovação que implica num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas de nível básico.

Como *feedback* à escola, foi elaborado uma palestra. A proposta da palestra foi baseada nas observações e no ponto que mais chamou atenção da estagiária com relação aos alunos em sala, por isso foi escolhido trabalhar sobre o tema Bullying, visto que ocorriam muitas agressões verbais e não verbais entre eles dentro de sala de aula, como foram mencionados no decorrer do texto, como também, certa exclusão à aluna observada.

Além da agressividade dos alunos, nota-se outro aspecto que pode ser trabalhado para melhorar o desempenho dos alunos durante as aulas, que é a metodologia usada pela professora, observada como algo pouco dinâmico e pouco instigante. Pois, se já existem alguns alunos que não têm vontade de estudar e a professora não os instiga para tal é muito provável que esses não formulem um conceito positivo da escola e isso pode gerar algumas consequências no decorrer da vida escolar desta criança.

Dessa forma, o estágio foi uma experiência em que se pôde aprender muito sobre as crianças numa perspectiva escolar, instigando a estagiária a pesquisar cada vez mais sobre o assunto, com o intuito de quando profissional de psicologia, poder fazer um trabalho de intervenção e/ou prevenção dentro do ambiente escolar numa perspectiva multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, 2008.
- MANTOAN, M. I. E. Todas as crianças são bem vindas à escola. [Campinas]: UNICAMP, [2000]
- MENEZES, M. R. G. de, SOUZA, S. E. e SILVA, C. M. J. **Distúrbios de fala no cotidiano escolar**. Atas Do 1º Congresso Internacional de Psicologia, Educação e Cultura. 2013.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MOREIRA, F. C. **Distorção idade-série na educação básica**. Disponível em: <http://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>. Acesso em: 24/05/2014
- RANGEL, M. **Métodos de ensino para a aprendizagem e dinamização das aulas**. 5ª ed. Papirus Editora. Campinas: SP, 2005.
- SMITH, Corine. **Dificuldades de aprendizagem de a a z**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- SOUZA, C. B. **Dislalia e alterações funcionais orofaciais**. Revista cefac: atualização científica em fonoaudiologia. Goiás.